

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

**Preços: (com estampilha)**

Anno, 35540 réis — Semestre, 18770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

**Preços: (sem estampilha)**

Anno, 35000 réis — Semestre, 18500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 38

SEXTA-FEIRA 8 DE NOVEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

## AVEIRO

Ainda bem! O Bem Publico declara-nos que não disputa a ninguem o direito de emitir as suas opiniões, quando se trate de opiniões livres, e que não offendam o direito dos outros.

Tal é tambem a nossa maneira de proceder. Aqui estamos plenamente d'accordo. E igualmente o estamos no seu modo de entender as opiniões livres; chamando assim «a todas aquellas que não estão ligadas por as leis divinas, ou pelas humanas a respeito das cousas da sua competencia.» Por outras palavras, dissemos isto mesmo no nosso antecedente artigo, e que o contemporaneo citou logo em seguida.

Sentimos que o mesmo accordo não exista na referencia destes principios, em que mutuamente assentamos. Não eram livres as opiniões emitidas pelo sr. José Estevão? offendiam ellas as leis divinas e humanas, ou o direito d'alguem?

Não acabamos de entender como, nem em que. E' de certo cegueira deploravel do nosso espirito, mas cegueira de boa fé. Estamos nisto como a respeito das opiniões liberaes do nosso illustrado contendor; porque não podemos conciliar o horror com que repelle a classificação, que lhe demos, d'adversario das instituições liberaes, com o mau conceito que diz formar das que ahí existem, e ás quaes, e não a outras, nós o dissemos adverso. Não se é adverso aquillo que se reprova e condemna? Isto são amphiguris, talvez de facil sentido, mas que sobremaneira nos confundem.

A nossa questão affasta-se a olhos vistos do seu ponto principal, e não é de certo por nossa culpa. O collega insiste no argumento do dilemma do seu numero antecedente, e diz que nós o reputamos sophisma, e não lhe respondemos por que não nos faz conta. Será assim, mas então porque não o desinvolve de modo que precise melhor a sua ideia? Antes disso, ha de permittir que o continuemos a ter como sophisma escusado.

Queixa-se de não lhe respondermos a umas perguntas do seu numero antecedente, repete-as, e reforça-as com a citação da formula do juramento dos deputados, com que já nos veio em outro artigo. Então sempre quer que não deixemos isso sem resposta? Muito bem: diremos desta vez duas palavras com relação a ellas, e á formula.

A formula é: «juro ser inviolavelmente fiel á Religião catholica apostolica romana, ao rei, á nação e á Carta Constitucional.» O que o contemporaneo commenta deste modo: «Por effeito deste juramento, o mouro ou o gentio, deputados pelo Ultramar, não podem declarar contra a religião, o partidista do senhor D. Miguel contra o rei, . . . o que dizemos? o proprio sr. José Estevão, inimigo da Carta (se nós lhe applicassemos o que o collega nos disse acerca de arguições injustas, queixar-se-hia?) não declama contra ella. Vinga-se em declamar contra a igreja!

Logo veremos se declama contra a igreja: agora citemos as perguntas que se escandalisou por deixarmos de remissa no antecedente artigo. Se nos não enganamos refere-se ás seguintes: » onde está essa lei impia que auctorisa um catho-

lico a rebelar-se contra o ensino da igreja catholica, e a desmentil-o? Onde está a lei que auctorisa um mahometano de Damão ou Moçambique, um bramino de Gôa, ou um feticheista de Guiné (que todos podem ser deputados) a injuriarem a religião catholica, e a do estado, e as suas instituições? Se a houvesse, era o sr. José Estevão, que se diz catholico por seu pae o ser, quem havia de fazer o que a lei de Deus lhe prohibe?»

Parece que o nosso estimavel collega está a levantar deante de si castelinhos de cartas para ter depois o prazer de os derrubar. Quem lhe disse que o deputado devesse infringir o juramento que está obrigado a prestar? Quem poz em duvida que a lei vedasse toda a rebellião contra a doutrina e ensino da igreja catholica? Quem avançou a impia—menos que impia, absurda proposição de que entre as opiniões livres está a injuria á religião, e ás leis do estado? Nós de certo não. O que nós dissemos é que as opiniões emitidas pelo sr. deputado José Estevão no seu discurso do dia 9 de julho eram livres por que não offendiam nem a religião nem as leis. E realmente não offendiam?

Essa é toda a nossa questão. Esse é o ponto a que nos dirigimos. Que o sr. José Estevão tenha estado em outras epochas em divergencia com as opiniões do conspicio redactor do jornal com que discutimos, não extranhámos, mas não nos importa. Arredamos muito de proposito esse e outros assumptos, que não teriamos talvez duvida em discutir em occasião opportuna, mas que agora só serviriam de emmaranhar de tal sorte os pontos controversos, que decerto ambos perderiamos o trilho, e não saberiamos mais discriminar o ponto de partida. Não lhe parece que é assim?

Vamos á comparação de Wicief, onde o nosso collega quer a todo o custo achar um dos pontos da controvertida offensa á religião.

Diz o Bem Publico: «1.ª Não se diz no discurso nem implicitamente que a associação das irmãs da caridade era fundada na hypocrisia.»

«Resposta.» Sou inimigo das irmãs da caridade, por que . . . a caridade attribuida a uma certa instituição com o piedoso fim de educar as creanças, e tratar os enfermos nos differentes paizes da terra é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus.»

«Assim attribue á hypocrisia o fundamento da instituição das irmãs da caridade, e não qualquer hypocrisia.»

Sempre temos lido MELICIA OSTENTOSA, e não MALICIA OSTENTOSA, e parece-nos que é daquelle modo que o sentido do periodo fica obvio. No entretanto o Diario, que fomos consultar dá razão ao nosso adversario; e como não estamos auctorisados para fazer erratas aos discursos alheios, deixaremos passar a MALICIA, que não é nossa, nem de certo do sr. José Estevão.

Continua o mesmo jornal:

«2.ª Wicief não disse tal. Esta proposição não apparece nas suas 23 ou 24 proposições.» E a proposito dá-nos uma prova da sua erudi-

ção, muito deficiente, já quanto ás condemnações, já quanto ás proposições, e até ao «queimamento» delle (Wicief) pelo carrasco.»

«Resposta. Nas condemnações, esqueceram-lhe as das universidades de Pariz e de Praga, nas proposições passou-lhe que só as directas foram 45; e quanto ao queimamento, que a sentença apenas mandava que o lançassem á via publica. Se aquelles que tinham visto suas casas queimadas, seus bens pilhados, seus paes e filhos mortos, ou o arcebispo de Cantuarua assassinado pelos Wiciefitas se excederam na execução é maxima injustiça attribui-lo ironicamente á «tolerancia religiosa.» A que tolerancia cederam os liberaes de 1793 exhumando e ultrajando o cadaver de Mirabeau, quasi 400 annos depois d'aquelle?»

Sustentamos o que dissemos e tal qual o dissemos. Wicief foi unicamente condemnado por trez concilios, sendo um delles (o de Constancia) ecumenico; e foi este que na condemnação das suas hereticas doutrinas as dividio em 45 artigos. Como é que com essas trez condemnações se quer confundir o exame e reprovação que dessas mesmas doutrinas fizeram as universidades de Pariz, e de Praga? Querera igualar-se a auctoridade dos primeiros com a das segundas? Neste caso, e pela mesma razão, mettamos tambem na conta a universidade de Oxford que igualmente enviou ao arcebispo de Cantorbery ou Cantuarua duzentas e setenta e oito proposições, extrahidas dos livros de Wicief, e que julgou dignas de censura.

Não fazemos questão do numero das proposições; porem não sabemos porque é que se hade socorrer aos 45 artigos do concilio de Constancia, nos quaes, segundo alguns theologos se inclue doutrina de João Huss, e não ás 23 ou 24 proposições do de Londres, que são exclusivas de Wicief. Quereria o collega ter o gosto de nos dar um quíneo? Nesse caso, . . . calamo-nos.

Quanto ao queimamento dos ossos do celebre heretico, o contemporaneo nega o facto? Parece-nos que não, e que só pretende resalvar o concilio e a igreja da responsabilidade delle. Ora a verdade é que a sentença foi que «os ossos fossem exhumados, separados dos dos fieis, e lançados fora das sepulturas ecclesiasticas, na conformidade das leis canonicas. (CONC. CONS. ses. 8 — ACT. CONC., 1415.) Deve, porem advertir-se que posterior a esta sentença, já de si pouco favoravel á tolerancia religiosa dessas eras, e que foi confirmada por João XXIII, temos ainda as letras apostolicas de Martinho V Quia sacris canonibus, dirigidas ao bispo do Lincoln, que mandam, «que depois de exhumados os ossos de João Wicief, e cuidadosamente extremados dos ossos d'aquelles que falleceram no gremio catholico, sejam queimados, e as cinzas dispersas de forma que delles não fiquem restos, nem appareçam mais vestigios.» (ANN. ECLES. BARONIO, RAY. 1427, XIV.)

Isto é só para sustentar o que dissemos, e provar ao Bem Publico, que estudamos as questões, por menos que sejam da nossa competencia,

quando nos vemos forçados a tractal-as, porque para justificar a nossa ironia, como lhe chama, bastava-nos a propria sentença do concilio. Será muito evangelico desenterrar um cadaver, e (são ainda as suas palavras) langal-o á via publica? Que differença vae d'ahi a queimar-lhe os ossos e espalhar-lhe as cinzas aos quatro ventos? Não faz favor de nos responder?

Mas aponta-nos exemplos, e allega o direito das represalias! Mau argumento, collega! A igreja a auctorisar-se com os exemplos das revoluções, e a allegar um principio, que deve ser e é a primeira a condemnar! . . . Nem condicionalmente o pode fazer. O melhor é não fallar nisso.

Passemos adiante. Vejamos como nos explica o anachronismo entre a instituição das irmãs da caridade e Wicief.

«Vamos explicar-lhe, (diz o contemporaneo), o que não entende(?) Wicief diz n'um dos seus dialogos que as ordens religiosas são verdadeiras seitas, fundadas na hypocrisia, e sobre tudo as quatro ordens mendicantes. Esta proposição foi condemnada pela igreja. O sr. José Estevão applicando-a ás irmãs da caridade, proferio uma heresia.»

O nosso estimavel collega quer fazer-nos uma graça? E' apontar-nos em qual dos taes 45 artigos condemnados se diz que as ordens religiosas são verdadeiras seitas fundadas na hypocrisia, e depois explicar-nos como o sr. José Estevão incorreu na mesma condemnação de Wicief, fulminada no seculo XV; e concedido que attribuisse á hypocrisia o instituto das irmãs da caridade, que pode estar realmente em circumstancias diversas de todos os outros institutos religiosos. Depois disto talvez entendamos a sua explicação.

Concordamos que é triste quando intelligencias tão elevadas como a do nosso adversario são obrigadas a recorrer a subterfugios para sustentar a sua opinião, mormente em materias tanto da sua especial competencia. Que nós o fizessemos, menos era para extranhar; mas o Bem Publico! . . .

E o peor é que diz depois que somos nós que recorremos a esses expedientes rasteiros. Pois o Bem Publico ja nos provou que houvesse effectivamente heresia no discurso do sr. José Estevão? A sua consciencia responde que sim? Se responde temos fé que a dos leitores, responderá — não.

O contemporaneo tem buscado exemplos, feito illações, recorrido a subtilezas. Mas demonstrar-nos com provas irrecusaveis que houve heresia, apontar-nos uma ideia que esteja em manifesta opposição com outra consagrada pela igreja, ainda o não fez, e estamos plenamente convencidos que, apesar de toda a sua superioridade, não o fará, nem o pode fazer.

Quer uma prova?

Perguntamos-lhe qual fora a seita dos protestantes a que se referira no antecedente artigo. Respondeu-nos «que á de Lutero, por que estes amaldiçoaram a obediencia, e a igreja classificara de heresia essa maldição, que o sr. José Estevão fora deitar ás irmãs da caridade!»

## FOLHETIM

### MYSTERIOS

POR

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

(Continuação do n.º 36)

E, depois d'algum tempo de silencio, acrescentei todo tremulo, e com um accento verdadeiramente apaixonado:

— Comprehende-me? Eu amo-a.

— Oh! eu comprehendo-o, respondeu tristemente Herminia.

Depois, crendo que eu a não ouvia, murmurou com um suspiro:

— Como os outros!

Eu, neste momento, tinha desejos de não comprehender se quer uma palavra, que podesse servir d'obstaculo á minha paixão; por isso fiz que não entendi aquella arguição amarga e justa, que devia ter-me feito parar.

Herminia levantou-se.

— Aonde vae? lhe disse eu.

— Não me disse que me amava?

— Sim, disse.

— Pois bem, eu vou fechar a porta á chave.

Era impossivel dar uma resposta mais clara, nem de um modo mais digno, mais elevado, e mais resignado. Esta rapariga deveu despresar-

me muito neste momento: eu comprehendi-o, — e com tudo não me fui embora!

Oh! amor! maravilhoso frasco, que, feito d'argila ou d'ouro, contem sempre o mesmo licor, e embriaga sempre com as primeiras gotas.

No dia seguinte eu estava convencido de que estava louco por Herminia. Quando cheguei á repartição, estava radiante d'alegria.

— Que ha de novo? me perguntou Antenor.

— Segui o seu conselho.

— Era bom?

— Sem duvida, e estou contentissimo por o haver seguido.

— Então está apaixonado?

— Perfeitamente.

— Tanto melhor. Agora faça diligencias para que isso tenha duração; é muito divertido estar apaixonado!

E Antenor poz-se a cantarolar uma das suas eternas cópulas.

Passáram-se assim quinze dias. Durante estes quinze dias não mudei de convicção, e imaginei projectos e sonhos os mais dourados acerca do futuro desta nova união.

Quanto a Herminia, tambem pela sua parte não havia mudado em cousa alguma, a não ser que me dizia de quando em quando que me amava, porem mais como uma mulher, que se lembra de repente de que deve dizer uma cousa

ajustada, do que como uma mulher que pensa no que diz. Havia accitado esta segunda posição, que eu offerencia, como accetára a primeira, em que eu a tinha collocado, com menos algum prazer talvez, como eu podia inferir do seu ar algumas vezes constrangido, quando se esquecia de que eu estava ali, e se entregava livremente ás suas reflexões. A transformação nella tinha sido tão rapida e tão franca, tinha accitado com tanta ingenuidade o sonho, que a minha primeira visita lhe fizera entrever, que sem duvida devia querer-me mal, por eu ter sido o primeiro a quebrar este sonho. Eu creio que, desgraçadamente, o homem, quando possue a mulher, que ama ou que julga amar, não admite similhantes raciocinios, exige na sua amante a mesma expansão, que sente em si, se não torna-se desconfiado, irascivel, cioso. Eu não podia ter ciúmes d'Herminia. Estava bem certo de que ella me não enganava. Mas estava, ao mesmo tempo, certo de não ser amado. O sacrificio, que ella me fazia, sacrificio que se esforçava por me occultar, dava-lhe a meus olhos esta superioridade que o homem não perdoa á mulher. Deste modo avaliei eu o amor, que ella sentia por Antonino, ainda que estava convencido de que ella não sentia outro tanto por mim.

Herminia era uma rapariga, que teria amado com felicidade, com ardor, com religião; mas esse dia ainda não tinha chegado para ella, e

para que elle chegasse, fóra mister deixar sua alma crescer e desenvolver-se á vontade. Até então ella não havia accitado o amor se não como uma necessidade, sem o sentir como uma cousa indispensavel. Eu é que andava mal n'este negocio, e com tudo, repito, a pobre menina fazia todos os esforços para me illudir a respeito dos seus verdadeiros sentimentos.

Eu tenho um defeito, defeito, que para alguem é uma virtude, — é a economia. Tenho tanto medo das dividas e dos credores, como as creanças têm dos ladrões e das almas do outro mundo. Foi meu pae quem me inspirou este terror, do qual, até hoje, não tenho senão que louvar-me; porque, graças a elle, tenho encerrado a minha vida nos limites, dentro dos quaes ella deve conter-se, e tenho encontrado neste estreito circulo gosos, que por certo não houvera encontrado fóra delle. Este vicio, ou esta virtude, como queiras chamar-lhe, aproveitou-se da duvida, e direi mesmo da humilhação, em que eu cahira, em consequencia das minhas reflexões acerca de Herminia, para reaparecer com a sua logica ordinaria.

Assim como eu havia dicto comigo, algum tempo antes, que era ridiculo despendir dinheiro com uma mulher, de quem não era amante, assim tambem disse comigo então que era absurdo fazer sacrificios por uma mulher, de quem não era amado; porque deves comprehender facilmen-

Pois o sr. José Estevão condemnou nas irmãs da caridade o mesmo principio amaldiçoado por Luther, e condemnado pela igreja? Ou foi a dependencia em que ellas estão do geral francez que elle condemnou? Se isto é heresia, todos somos herejes. O sr. José Estevão, o *Districto d'Aveiro*, e o proprio *Bem Publico*, onde cremos que ha sufficiente patriotismo para não querer *actualmente* um instituto portuguez sujeito a um prelado estrangeiro.

Que outra prova? Diz em um dos periodos do discurso em questão (isto é já ponto discutido, mas como o collega torna a insistir nelle, toquem-lo ainda — pela ultima vez) « que os theologos hão de reconhecer que ha uma razão suprema que supprime a escolha impossivel neste assumpto de religião, que é a tradição de familia, porque o homem quando vem ao mundo segue sempre a religião de seus pais. »

O collega cita este periodo, e diz que lhe parece que ninguem é capaz de fazer delle doutrina catholica! Parece-lhe mal. Não seremos nós todos incapazes quando vimos ao mundo, de escolher a religião que devemos seguir? Não é então a tradição de familia a razão suprema que dicta a nossa escolha? Não seguimos nós todos, em quanto infantês, a religião de nossos pais? Neste sentido não pode dizer-se que somos catholicos, por que nossos pais o foram? Tolle-nos essa razão suprema que depois d'adultos, possamos mudar de religião? O que nos parece mais difficil, . . . (impossivel não porque temos exemplos,) é converter estas ideias, aliás tão claras e racionais, em doutrina heretica.

Podiamos adicionar mais duas, tres, quatro, vinte provas, colhidas no decurso desta questão. Não nos escaparia a interpretação das phrases — « ataque á familia » — « prejudicial ao estado; » — « bastava » e do « porque ». Não nos esqueceria tambem a confrontação dos periodos do discurso, com o Evangelho, mostrando que a interpretação do padre Pereira era por nós e não contra nós. Esperavamos faz-lo, despersuadindo o collega de que não nos esqueceu completamente o catecismo.

Não o faremos. Pomos até aqui remate á polemica que já vai longa, e que a continuar não poderia deixar de tornar-se fastidiosa, pelas repetições em que forçosamente haviamos de cair. Deixamos as honras ao nosso illustrado adversario, como o mais digno, reservando para nós a consciencia de ter provado que o discurso da sessão de 9 de julho não pode ser taxado, com bons fundamentos, de heterodoxo e anti-catholico, sendo injusta toda essa celexuma que ali se levantou contra elle d'uma parte da imprensa. Era o nosso intuito. Cremos que desta vez ainda não vai ao *Indice*.

Dous pontos temos porem ainda a averiguar.

O primeiro é com relação a reincidencia da qual o collega accusou o sr. José Estevão, e nos pergunta agora, com algum máo modo, « quem nos auctorizou a insinuar que a imputou aquelle sr. » A resposta esta nas seguintes palavras do sr. antecedente artigo: « não só não disse: erre; mas tem presistido nos seus erros, aggravando-os quanto pode » (n.º 16 pag. 75 col. 1.ª) Mas se isto não fôr bastante, veja-se o que o collega diz logo a baixo da pergunta com referencia á interpelação de 30 d'agosto.

O segundo ponto é mais grave. Accusamos o *Bem Publico* « de fazer insinuações offensivas a reputação do sr. José Estevão; » e o contemporaneo pergunta-nos onde, em que pagina e columna, fez essas insinuações?

E' da nossa lealdade responder. Não é necessario ir muito longe. No proprio artigo em que nos dirige a pergunta está a resposta. Lêa a pagina 131, columna 1.ª — « Como se chama aquelle que vai ao parlamento delatar uma cousa que tinha sido confiada á sua amizade e conselho? E se. . . »

Basta, o collega dispensa-nos decerto de continuar, e de vasculhar nos seus antecedentes artigos mais materias para a resposta.

Nós não sabemos se o illustrado redactor do *Bem Publico*, como homem, é hostil ao sr. José Estevão; como jornalista tem mostrado até um

furor homicida contra elle. Tem procurado todos os seus defeitos, relevado todas as suas fraquezas, tem sido injusto com o seu talento e com as suas virtudes, e até indagado no seu diploma de deputado meios de remoçar e deprimir o seu nome. Isto quando disencia, não com elle — mas comnosco, a quem reputa seu amigo, que versando ideias não descemos nunca a uma personalidade, nem a uma allusão, é proceder (desculpe o collega, porque havemos de dizer tudo já que principiamos) pouco delicado e pouco cavalheiro.

Porque disentimos o discurso de 9 de julho, e só esse discurso, não acompanhamos o collega nas suas apreciações acerca da prohibição das profissões religiosas, que tambem não são da nossa questão, e sobre as quaes podemos ter uma opinião individual. Só dizemos que prohibidas ellas por lei (o que mesmo canonicamente é assumpto de disciplina) o deputado que pedir o cumprimento, dessa lei, não pode ser censurado, porque cumpre o seu dever.

Ficamos por aqui. E agora só voltaremos ao campo nesta questão, se preciso for ajustar ainda algumas contas em saldo, o que é possível, sem ser certo. Desde já o declaramos, para se não tirarem depois do nosso silencio desfavoraveis illações.

A. P.

## TRIBUNAES

### Relação do Porto

*Autos distribuidos na sessão de 4 de novembro*  
*Appellações civis*

Barcellos—Manoel José Coelho e filhos, contra Antonio José Coelho e mulher; juiz Sousa, escrivão Silva Pereira.

Porto—Clemente Gonçalves Pinto, contra Manoel Francisco dos Santos e mulher; juiz Casado, escrivão Albuquerque.

Macedo de Cavalheiros—Francisco Antonio Ferreira e mulher, contra Jose Joaquim Barreira e mulher; juiz Castro, escrivão Bandeira.

*Dita da fazenda nacional*

Chaves—A fazenda nacional, contra Antonio da Silva Bravo e Carvalho; juiz Sarmento, escrivão Bandeira.

*Aggravos*

Vianna—Domingos Alves Farrula e mulher; contra José Moreira Narciso e mulher; juiz Macedo, escrivão Silva Pereira.

Vianna—João da Silva Neves Junior, contra o ministerio publico; juiz Seabra, escrivão Silva Pereira.

Fafe—João Soares Leite e outros, contra o ministerio publico; juiz Lima, por impedimento Pereira Leite, escrivão Bandeira.

*Para o julgamento de 11 de novembro*

*Appellações crimes*

Taboa—O ministerio publico, contra Antonio Rodrigues—o Boatarde.

Foscôa—João Manoel Sobral—o Peralta—contra o ministerio publico.

Cantanhede—Antonio Dias Sarrilhas de Campos, contra o ministerio publico.

Feira—O ministerio publico, contra Domingos Cardoso.

Valpassos—O ministerio publico, contra João Manoel Martins.

Feira—O ministerio publico, contra Manoel Francisco Dias.

Ovar—O ministerio publico, contra Domingos José d'Oliveira.

*Aggravos*

Villa Nova de Foscôa—O ministerio publico, contra o juiz de direito de Foscôa.

Louzá—O ministerio publico, contra o juiz de direito de Miranda do Corvo.

Coimbra—O ministerio publico, contra o juiz de direito de Coimbra.

Villa Nova de Foscôa—O bacharel José Thibério de Reboredo Sampaio e Mello, contra Domingos Ignacio de Sampaio e Mello.

Villa do Conde—Bernardino Francisco Gomes Angeiras e outros, contra o ministerio publico.

Louzá—João Lopes, contra o ministerio publico.

— Quer que eu me encarregue da commissão.

— Não lhe custa isso?

— Absolutamente nada.

— Então accetto.

Notei de repente a similhança, que havia entre o modo, porque eu abandonava Herminia, e aquelle, pelo qual Antonino a abandonára.

Um presentimento secreto disse-me mesmo que o, que eu fazia, havia de ser a causa da desgraça da pobre rapariga; mas era muito tarde para recuar.

Antenor não me parecia descontente por se haver encarregado da commissão. Dir-se-ia até que elle o esperava havia algum tempo.

— Como se chama essa pequena? me perguntou elle com indifferença.

— Herminia.

— Bonito nome! e mora?

— Dei-lhe a morada, que me pedia.

— Irei lá hoje mesmo.

— Mas eu não posso abandonal-a assim sem lhe deixar alguma cousa.

— Dê-lhe cem francos.

— E' bastante?

— Penso que sim! De mais, ella é bonita, pois não é?

— E'.

— Inteligente?

— Sim.

## CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

### BARRA DA FIGUEIRA

Figueira da Foz, 29 de outubro de 1861.

Rogamos muito a v. a especial obsequio de n'um dos mais proximos numeros do seu acreditado jornal, o *Districto de Aveiro*, dar publicidade ás seguintes linhas, que são apenas a verdade; pois não é intenção nossa o tecer encomios — somos imparciaes, e nem relações possuímos com o dignissimo director das obras em questão, mas revolta-nos o proposito insolito e inqualificavel de alguns patricios nossos, que, errantes do caminho verdadeiro que deviam seguir, apparecem aqui, e ali, — perdidos.

De *injustos e ingratos* a Figueira representa o grande quadro; e apparentando zelo frenetico e sabeloria infinita, ha de com os esforços de seus filhos heroes, a nação prosperar de um modo, que causará espanto ao mundo! . . .

Acha-se pois de collo erguido uma parte do braço-forte d'esse terrivel e altivo colosso commercial figueirense! Com a fronte impavida e carrancuda pretende obscurecer o brilho do luminoso sol, e abater as furiosas ondas do soberbo oceano, ficando todo o vivente do universo de bocca aberta a contemplar tanto poder!!!

Está a Figueira cheia de engenheiros! Levantam-se ahi de qualquer tripeça ou balcão! É uma raridade nunca vista, e com tal abundancia o paiz vac tomar a vanguarda dos melhoramentos materiaes!

Esta nova raça de engenheiros, similhante ao mestre moleiro da Lourosa, que annunciou, como o sr. Motta, ter com a vista d'olhos engendrado o plano d'obras para a abertura da barra, pretende por certo, substituir o sr. Silva na direcção de taes trabalhos! Seja: a luz resplandece em muitas partes.

Pensamentos arrojados investem mais frequentemente os ignorantes. E quando elles se acham convencidos de que emprehenderam grandes feitos, quando são a negação do criterio e bom senso, são refinados parvos e máus.

O governo de S. M. deve prestar toda a attenção aos grandes talentos de que dispõe a Figueira, — cujos eximios, sem theoria, mas apenas com a pratica d'abrir qualquer pequena comporta ou greio em alguma marinha, se julgam habilitados para trabalhos da maior transcendencia. Que sejam encarregados das diversas obras do paiz, e ordene-se, que os actuaes engenheiros, que hoje se acham á testa dellas, sejam por castigo, apenas *apontadores!*

Se o governo aproveitar os merecimentos de tão zelosa e engenhozissima gente, teremos a gloria de ver em curto espaço de tempo a patria cheia de riqueza! . . .

El-Rei deve chamar aos seus conselhos cãtões d'esse jaz!

É certo que qualquer negociante, sabendo destampar uma barreira d'assucar, se julga logo um sabio esclarecido nos diversos ramos das sciencias em geral. Na nossa terra ha esse prejuizo, ou mania.

No *Campeão das Provincias* n.º 970, veio uma correspondencia contra o sr. Silva e seus dignos defensores, assignada pelo incognito n.º 4, que não convence a pessoa alguma, que não faça parte d'essa gente menos leal e associada aos incognitos, que por bem conhecidos se não confrontam.

Revela essa correspondencia inqualificavel procedimento; a má fé que nella transluz, e que tão claramente se manifesta, evidencia que taes accusações tem por origem o mal entendido despeito, e a vingança mais miseravel.

Sois uns incognitos d'espera tal, que difficilmente encontrareis paternidade.

O sr. Silva tem tido para comvosco bondade e cortezia de mais: abusastes d'ella, porque sois máus.

Sede coherentes e justos, e não queiraes manchar a reputação de um homem a quem tanto devemos, e de quem já dissetes tanto bem. Deixae que esse homem probe, intelligente e trabalhador gose com socego d'espírito a gloria, que tão dignamente tem adquirido á força de seus

— Póde fazer-se entrar no theatro.

E' capaz de me prestar esse serviço? exclamei eu encantado com a ideia de que Herminia, por este meio, ficaria ao abrigo da miseria.

— Sim. Não ganhará muito; mas, como é economica, sempre ganhará com que viver.

— Meu caro Antenor, presta-me nisso um grande serviço, e peço-lhe que acredite no meu reconhecimento.

— Dê-me um bilhete para Herminia, para que ella conheça que eu vou da sua parte, e fique descansado! Eu arranjarei tudo do melhor modo.

Apertei a mão a Antenor e entreguei-lhe uma carta para Herminia, carta, cujos termos não careço de precisar. Tu bem sabes como costumam ser concebidas as epistolas deste genero.

Sahimos da secretaria do ministerio. No dia seguinte, as primeiras palavras, que lhe dirigí, foram:

— Então? que disse ella?

— Nada.

— Não fez alguma reflexão?

— Nenhuma. Encarregou-me de lhe agradecer.

— Nada mais?

— Nada mais.

— E o senhor?

— Eu prometti ir vê-la algumas vezes para

trabalhos e conhecimentos, e que não sabeis, ou não quereis avaliar.

Argumentaes sem base, que vos possa pôr a coberto do epitheto, que mereceis, de *injustos e ingratos*.

A vossa consciencia repugna ao que escreveis!

Os remorsos hão de trazer-vos o arrependimento; porque negar ao sr. Silva o elevado interesse, que sempre tem tomado pela regeneração da barra, e os bellos resultados obtidos d'essas mesmas obras, é a significação da injustiça mais atroz, e da ingratidão mais negra!

O sr. Silva, sobre os melhoramentos da barra, tem conseguido uma victoria tal, que ninguem lh'a pode roubar. Não será a força das vossas lanças envenenadas, que o ha de conseguir, porque mais alto que vós, fallam os povos, que são testemunhas oculares.

Se o sr. Silva estivesse no centro de uma gente imparcial, generosa, e compensadora, o publico não teria lido em alguns jornaes diferentes artigos vossos, que são uma vergonha para a Figueira onde parece que só reina ignorancia e maldade!

O sr. Silva não ha de soffrer no seu credito, porque mais tarde, ou mais cedo todos saberão as causas capitaes, que vos levaram a desforços de tal ordem; e nós vamos dizel-as.

« Se o sr. Silva vos reunisse, e tivesse a baixa de vos consultar sobre o plano das obras, porque tambem quereis ser engenheiros, então não cahiria no vosso desagrado; pois que nas vossas *pretensões* sois excessivos, e convencei-vos de cousas taes, que causam dó e riso.

« Se aquelle cavalheiro não tivera protegido o sr. Borges para a sua reeleição de camarista, e que, diga-se a verdade, tem sido o presidente que mais tem tratado do aformoseamento da nossa terra, mas que estava e está no vosso desagrado; vós não terieis procedido tão miseravelmente.

« Triumphou a reeleição, e vistes quebrada a vossa *caprichosa próba* de encontro á opinião publica; e assim abatidos os vossos bríos *potentosos*, ficaram reduzidos ao nada os vossos (e nossos) pergaminhos, sem ao menos haver contemplação com as conchas de carangueijo que lhe serviam de ornato em lugar de sellos pendentes de fitas. »

Eis pois apontadas as duas causas motoras, que vos suscitaram a idea d'uma guerra traiçoeira e miseravel para com o sr. Silva.

Confessae o vosso peccado, e deixai-vos de uma tarefa só propria de gente menos sisuda, e que nutre má fé; tal tarefa é ingloria, e não vos honrará por titulo ou modo algum.

E quando mesmo fosse, até certo ponto, verdadeiras essas accusações, ainda mais generosos devieis ser, porque em taes circumstancias, o silencio seria uma virtude. As vossas correspondencias, longe de nos fazerem bem, nos podem trazer muitos males. . . .

El porventura esses aformoseamentos que são o vosso supposto  *cavallo de batalha*, para as vossas accusações, quando realmente assim fosse (o que negamos) não seria um melhoramento para a nossa Figueira? Quem lucra com isso?

Acaso parte d'esses trabalhos, a que chamaes aformoseamentos e desperdicios, e que são feitos pela direcção das obras da barra, não serão do plano das mesmas obras?

Não vêdes que são esses trabalhos indispensaveis para obras de tanto vulto, e que são de immediata necessidade para os mais promptos transportes, para arrecadações etc. etc.?

Vêdes, por certo, mas . . . . sois muito máos.

A este respeito vos respondia nobremente, e só com a nua e crua verdade, o sr. João Fernandes Thomaz no *Jornal do Commercio* de 11, cuja correspondencia vos feriu na alma e coração, por que cegamente, nunca pensastes que a Figueira, que vós sem procuração quizestes representar, tivesse um cavalheiro que vos chamasse pela imprensa — calumniadores — de que vos dêu uma severa lição, que vos deve aproveitar para não continuardes a cair no ridiculo.

Ainda mais: se os desperdicios são esses inculcados aformoseamentos, de que tanto fallaes,

lhe ensinar um papel. Vou hoje falar della a um director meu amigo.

E esta ideia de theatro pareceu agradar-lhe?

— Bastante.

— E não disse uma palavra a meu respeito?

— Nem uma.

— Nem lagrimas, nem arguições?

— Repito-lhe que nada.

Esta facil resignação d'Herminia era humilhante, e eu estava humilhado.

Antenor pareceu tratar este negocio com leveza, como para me fazer ver que lhe ligava muito pouca importancia. Não insisti mais, e habituei-me tambem facilmente a não pensar muito em Herminia. Todavia perguntava de vez em quando a Antenor se a tinha visto, se ella entraria breve para o theatro, e se não era muito desgraçada. Respondia-me que podia estar descansado. Estas respostas foram as mesmas até ao dia, em que elle me disse que não tinha visto Herminia, havia cerca de uma semana, e que á hora, em que me falava, devia ella ter partido com um homem, que lhe fazia a côrte desde certo tempo.

— Vamos, disse eu comigo, Antenor tinha razão. São todas o mesmo, e eu fiz bem.

(Continua.)

te que, depois que ella me pertencia, eu tinha-lhe dado uma multidão d'objectos, que tinham compromettido um pouco os meus futuros vencimentos. A lembrança d'Antonino, e da posição, em que elle estava quando parti, vieram-me á memoria, e fizeram-me recear por mim mesmo. Este receio, que eu me comprazi em exaggerar, fez o resto, e, a contar deste instante, não tractei senão de abandonar Herminia o mais airosamente possível, e declinar a responsabilidade da sua vida.

Se Herminia tinha adivinhado este desejo, não sei; mas o que sei, é que de pensativa, que era, se tornou de repente triste, sem poder conseguir occultar-me a sua tristeza. Foi ainda aos conselhos d'Antenor que eu recorri nestas circumstancias. Particpei ao meu collega de reparição o estado do meu coração, da minha bolsa e do meu espirito, assim como as tenções, que tinha, de voltar a traz, antes de ter avançado muito, e perguntei-lhe o que era necessario fazer.

— Ora essa! me disse elle, é necessario abandonal-a.

— Porque meio?

— Por um meio mui simples. Diga-lhe que se vae embora, ou outra cousa assim.

— Eu não me atrevo a dizer-lho pessoalmente.

acaso tendes procuração de todo o paiz para vos arvorardes em fiscaes? Representaes vós a Figueira?

Forte força de zelo!... As vossas accusações são tão injustas, que neste sentido, são exemplarissimas!

No *Journal do Commercio* de 24 viestes, *sabios* figueirenses, com a repetição dos vossos actos negros, continuando a mal dizer o sr. Silva, e respondendo á correspondencia alludida do sr. Fernandes Thomaz. A gloria, porém, de que blasonaes, querendo deixar de pé as vossas arguições, vem acabar o famoso quadro da vossa vingança, revelando-se cada vez mais a miseravel carreira que encetastes, e que vos ha de, infallivelmente, collocar na vossa cabeça óca uma corôa de espinhos.

A parte do ridiculo, a que recorrestes, para o fecho do vosso artigo, recabe sobre vós que em tudo vós assimilhaes aos antigos truões! Quizesdes fallar com a elegancia do nosso Maribeau; mas, quaes novos Ícaros cahistes no mar Egeo para só serdes lembrados por escarneio!

No *Portugal Independente* n.º 3 vem um artigo muito curioso tambem sobre as obras da barra. Seu auctor merece muito da patria por um *aranzel* de tal quilate.

São cousas *finas* dictadas por incognitos *finos*!...

Quer o espertalhudo que o sr. Silva se defenda pela imprensa, das diversas accusações que lhe tem feito!...

O sr. Silva apenas tem a dar contas ao governo dos seus actos, e se tomasse o encargo de responder a tantas frioleiras, só n'isso empregaria todo o seu tempo! E de mais os anonymos cobardes não merecem resposta.

Quer o articulista tambem, se bem nos lembra, que o governo torne responsavel o engenheiro pelos supostos desperdícios!

É com effeito esportissimo! Pois ignora que as nossas leis não obrigam á responsabilidade sobre erros de obras?

O *eximio* articulista seria melhor que fosse para a escola, ou tratasse d'outros objectos, que melhores *creditos* lhe trouxessem!...

Cessae para sempre com a continuação das ineptias, insensatos, pois estaes dando de vós um triste documento; se pois tivesses força para fazer acreditar, que a Figueira nutria o vosso sentir, importaria o fazeddes pezar sobre ella uma pagina bem negra; mas nunca o conseguireis, arautos de raça rachitica.

Se o sr. Silva tem algum peccado, é o de ter beneficiado a nossa Figueira!!!

As obras ao norte a que chamazes desperdícios, o de que o accusaes, são de tal valor e merecimento, que alem d'indispensaveis, são effectivamente, um grande trabalho que pôde servir de modelo para os verdadeiros engenheiros, mas nunca para vós.

Temos inteira fé, que o *exame* esculpulo a que o nobre e honrado visconde da Luz veio proceder, vistoriando as respectivas obras, ha de dar ao sr. Silva uma corôa de louros, como a poesia a deu ao nosso immortal Camões.

De v. etc.  
Um Figueirense.

## NOTICIARIO

**Fallecimento do sr. infante.** — Chegou na quarta-feira a esta cidade a noticia telegraphica do fallecimento do sr. infante D. Fernando que os ultimos boletins do *Diario* davam já fora de perigo.

Hontem começaram já a dobrar os sinos em todas as torres da cidade, por ordem do sr. vi-gario geral a quem a noticia foi communicada telegraphicamente pela secretaria das justicas.

Para o governo civil não tinha vindo até hontem as tres horas da tarde participacão alguma!!

**Caixa Economica.** — Publicamos o balancete mensal que pela direcção d'este estabelecimento nos foi remetido:

*Balancete do movimento da Caixa Economica de Aveiro no mez de outubro de 1861.*

**Entradas:**  
Depositos recebidos..... 922\$240  
Letras idem..... 670\$780  
Juros idem..... 121\$105  
Saldo do mez antecedente..... 4:584\$755

6:298\$880

**Sahidas:**  
Emprestimos..... 4:181\$480  
Depositos restituídos..... 334\$150  
Juros pagos..... 8\$925  
Dinheiro em caixa..... 1:774\$325

6:298\$880

Somma dos depositos existentes em 31 de outubro — 15:037\$695 rs.

Dita das letras em cofre na mesma data — 14:028\$690 rs.

Caixa economica de Aveiro, 4 de novembro de 1861.

A. Pinheiro,  
SECRETARIO.

**Banhos do mar.** — Tem retirado quasi toda a gente que se achava a banhos nas costas mais proximas do districto. Na Torreira, que este anno esteve tão agradavelmente concorrida, dizemnos, que já não está quasi ninguém. O inverno afugentou os banhistas, como afugentára primeiro as avezinhas (e quando dizemos avezinhas, sabemos a propriedade com que fallamos), que por algum tempo ali se estiveram banhando nas aguas o oceano.

Sabemos de muitos que d'ali este anno se retiraram da praia sandosos, e que resistiram quanto puderam á torrente que os expellia daquelle... ceu aberto de delicias.

Na Costa-Nova do Prado, pouco concorrida este anno, pouca gente já se acha; e da de S. Jacintho retirou já o limitado numero de banhistas que ali costuma concorrer, e que são unicamente os que por amor da solidão ou habito della não procuram nos bathos do mar a distracção, mas as conveniencias hygienicas.

**Festividade.** — Haverá no logar d'Amoreira a costumada festa a S. Martinho, padroeiro da capella d'esse logar, que constará de missa cantada, sermão, e procissão.

O encerrado da oração é o revd.º sr. J. P. Pacheco Ferrão.

Escusado é dizer que deve haver o arraial da tarde porque isso é costume muito antigo.

**Mau agouro.** — Consta-nos que na costa de Mira tem estes dias sahido grande numero de corvinas nas redes que ali pescam. Dizem-nos que só em um dia se pescaram mil!

Este peixe apesar de ser muito estimado e pagar-se de ordinario por bom preço, é tido pelos pescadores como ruim agouro, porque dizem elles que sempre que se deixa pescar, é signal de que o mar anda revolto lá por dentro, afugentando das costas a sardinha, que é o que elles mais estimam.

Tambem estes dias tem apparecido na praça algum chicharro grande d'um tamanho verdadeiramente admiravel.

Os pescadores não tem igualmente por bom agouro esta especie de pescaria.

Isto são preconceitos que elles fundam na experiencia, mas que lhe hão-de fallar muitas vezes. Bom será que tambem agora assim aconteça, por que pouco tem elles pescado este anno, e mal ficarão se tiverem a limitar-se ao que ganharam n'esta ultima quadra.

**Tourada.** — Andam por ahi a agourar-nos com a possibilidade de uma tourada. Parece que o empzeario d'uma praça de touros, que ha ou houve na Figueira, tem andado diligenciando arranjar aqui uma praça em que possa dar algumas tardes de touros.

A cousa vem fóra de tempo, e parece-nos que não vinga.

**Destacamento.** — No domingo sahio desta cidade o destacamento d'infanteria n.º 5 que aqui se achava e que foi rendido por outro d'infanteria n.º 18.

Aquelle, do commando do sr. capitão Guimarães, prestou bom serviço durante o tempo que aqui esteve, e é digno d'elogio.

**Despotismo.** — O nosso collega da *Razão* de Valença publica a noticia que abaixo transcrevemos sobre o acontecido com a tripulação do barco *Nova União* desta praça.

A acreditarmos o que diz o collega, e que as coisas se passaram exactamente como ellas lhe foram referidas, de certo que os empregados de Caminha exorbitaram e merecem a mais vehemente censura.

Nem a lei auctoris, nem a boa pratica das repartições fiscaes aconselha que se apprehendam vestidos d'uso, embora elles tenham vindo do estrangeiro, porque aliás devera igualmente praticar-se essa apprehensão quando se encontram em individuos que não são portuguezes. A logica seria essa; e portanto o absurdo não podia ser maior.

Ficamos igualmente d'atalaia, e se o sr. director interino da alfandega de Caminha não cumprir o seu dever mandando restituir os objectos illegalmente apprehendidos, de certo nos queixaremos tambem, *de forma que nos ouçam.*

Temos fé de que não ha de ser isto preciso, e de que hão de ser ouvidos os clamores da *Razão*, que tambem neste caso é a voz da razão e da lei.

Diz a noticia do nosso collega:

**Despotismo sem equal.** — Um acontecimento sobre-maneira escandaloso, e que indignou uma povoação inteira, teve logar ha poucos dias na villa de Caminha.

No dia 28 de outubro ultimo, seriam 9 horas da manhã, na occasião em que o hiate *Nova União* se encaminhava para a barra a fim de seguir o seu destino, foi assaltado por uma lancha, capitaneada por um tal Gomes, chefe rondante, na qual in, alem deste *ferrabraz* de *infuza*, o guarda-mór da alfandega de Caminha, um guarda de bordo e dois remadores. Depois de passarem uma minuciosa busca a todo o barco, sem encontrarem objecto algum que podessem apprehender, o tal chefe rondante não querendo perder o bom conceito em que elle se tem a si proprio de *excellent* *perdigreiro* — de contrabando, principalmente de aguardente, atirou-se á tripulação e começou a *esfolar* nos marinheiros que era mesmo um gosto vel-o!

Ao marinheiro Manuel da Silva Peixe, tirou-lhe uma jaqueta, que tinha vestida, e com que andava trabalhando.

Uma quinzena que igualmente tinha vestida o marinheiro José Maria dos Santos.

Um barrete que tinha na cabeça o marinheiro Antonio Francisco dos Santos, e ao mestre do hiate, umas calças, um casaco e o cobertor da cama, pegando em todos esses objectos, levando-os para a alfandega sem que o auctorisasse nem lei, nem a razão, e unicamente com o pretexto de que o facto era de panno hespanhol assim como o cobertor.

O mestre fez-lhe vêr que o fato já era uzado. Que os proprios guardas da alfandega lh'o tinham visto no corpo no domingo — 27 — quando andou a passear, o que elles disseram ser verdade, mas não obstante todas estas attendiveis circunstancias — *o bruto a nada se moveu!!* Os

marinheiros sahiram a barra sem aquillo que lhes pertencia!!!

Quasi todas as pessoas de tino da villa de Caminha dizem, que isto foi um roubo, e nós tambem não lhe podemos dar outro nome.

Sentimos, que o sr. guarda mór fosse testemunha deste acto e consentisse que se commettesse um despotismo de tal ordem, que podia dar logar a scenas desagradaveis. O mestre do barco foi muito prudente porque se é com outro o negocio seria muito serio!

Na verdade custa a crer que se faça tanta pouca vergonha, que não serve senão para nos ridicularisar. Nos dias de feira desta Villa veem muitos aldeões da Galiza com um lenço amarrado na cabeça e cá compram o seu chapéu novo, poem-no na cabeça e vão passar pelos carabineiros hespanhoes sem que estes lhe digam a mais leve cousa.

Conhecemos o sr. Mendes, interinamente encarregado da directoria da alfandega de Caminha. Sabemos que é um empregado activo e intelligente, e esperamos que s. s.º não consentirá que se continue a praticar tyrantias de semilhante natureza.

Tambem nos consta, que o tal chefe rondante propala pelas tabernas e soalheiros que *todos os empregados da alfandega de Caminha lhe tem medo* e o sr. Mendes, que está muito acima d'um varredor dos armazens d'alfandega do Porto, deve obrar de maneira que o publico não acredite, que o que elle diz é verdade.

A tripulação do hiate é da cidade d'Aveiro, e nós pedimos ao nosso collega *O Districto d'Aveiro*, que com tanta distincção tem desempenhado o seu programma, tractando as questões com a maior clareza, que se ocupe tambem deste abuso altamente reprehensivel.

Nós vamos colher mais esclarecimentos quanto ao destino que se dá á *roupa roubada* e então voltaremos ao assumpto.

É sempre com a maior repugnancia que pegamos na penna para acuzar qualquer pessoa, mas maroteiras como a que muito á pressa acabamos de narrar, não podem nem devem ficar em silencio.

**Temporal.** — Lê-se no boletim official de Cabo-Verde de 21 de setembro:

«O temporal, que hontem se fez sentir n'esta ilha, causou graves prejuizos.

Seriam 11 horas quando o vento começou a soprar com força e o mar a embravecer — pouco depois tornou-se um temporal defeito. As ondas arrebatando no meio da bahia, pozeram em risco os navios que estavam fundeados.

A lancha da fazenda e o escalor grande da alfandega que estavam ancorados, foram os primeiros que o mar arrojou á praia; seguiram-se depois as lanchas que estavam com bossa pela popa dos navios. O vento, mar e chuva no auge da sua força, fez em seguida garrar todos os navios no ancoradouro, vindo 3 d'elles a escuna portugueza *Campolide*, a *Amelia* e o patacho *Monteiro* 1.º encalhar na praia grande da alfandega.

O patacho portuguez *União*, a escuna *Pomba*, o lambote *Maria da Soledade* e o patacho francez *Les Jumeaux* correram o mesmo risco, porque o mar vinha com a maior violencia arrebatando sobre elles; todavia tiveram a felicidade de poder aguentar-se sobre as amarras.

Logo no começo do temporal mandei ao quartel militar pedir auxilio da força de 1.ª linha, para poder acudir e salvar as embarcações que viessem ás praias; este auxilio foi immediatamente prestado; a elle se deve em grande parte terem sido salvas algumas das lanchas e escaleres que encalharam.

A lancha da fazenda teve bastante avaria; o escalor da alfandega pouco soffreu; a lancha do patacho *União* foi completamente despedaçada pelo mar; as demais, incluindo uma do patacho francez, ficaram mais ou menos damnificadas.

A escuna *Campolide* está despedaçada, a *Amelia* tambem tem avarias de consideração; de uma e outra se está salvando o apparelho, utensilios etc.

O patacho *Monteiro* 1.º conserva-se direito no logar em que encalhou, e o dono está trabalhando para o salvar.

Por pervença conservou-se na praia durante a noite, uma fogueira para indicar aos navios fundeados um logar seguro, se tivessem a infelicidade de lhe faltar as amarras.»

**Noticias de Moçambique.** — Receberam-se noticias da provincia de Moçambique até 24 d'agosto ultimo, pelas quaes consta que tinha ali chegado no dia 11 do mesmo mez, o vapor *Barão de Lazarim*, no dia 15 a fragata *D. Fernando*, e no dia 20 o vapor *Maria Anna*.

A fragata, que tinha conduzido para ali soldados, armas, munições, dinheiro e outros objectos, já estava descarregada, e devia seguir para Goa no principio de setembro. O vapor *Zambeze*, que foi desarmado a bordo da mesma fragata, ficava armado e fundeado ao pé do arsenal, com a caldeira no seu logar, devendo em poucos dias ficar prompto a navegar. Os vapores *Barão de Lazarim* e *Maria Anna*, já tinham desempenhado commissões de serviço e em breve sahiriam para o norte. A escuna *Angra* supunha-se ter ido arribada ao Ibo.

Vieram tambem noticias até 20 de setembro, do estado da India, onde não havia novidade.

**Caminho de ferro.** — Diz o *Conimbriense*, que acaba de organizar-se naquella cidade uma companhia, para tomar por empreza a construcção do caminho de ferro de Pombal a Coimbra. — Muito estimamos, que esta cidade vá assim mostrando, que se acha habilitada para obras deste vulto.

Faz tambem parte desta empreza o sr. Ducastle, engenheiro que tem sido da companhia

Salamanca, á qual tem prestado optimos serviços.

O sr. Ducastle foi hontem para Lisboa, encarregado pela companhia constructora, a fim de levar a effeito com a empreza Salamanca o contracto a que nos referimos.

**Naufragio.** — (Conta a *Nação*.) Por officio do consul de Portugal no Maranhão, datado de 30 d'agosto ultimo, consta que naufragou nos baixos da ilha de Santa Anna, proximo ao pharol do mesmo nome, nas costas d'aquella provincia, em o dia 28 do dito mez, pelas 5 horas da tarde, o patacho portuguez *Trovador*, procedente de Lisboa, salvando-se a tripulação; ficando completamente submergido o navio, de cujo carregamento apenas escaparam alguns pequenos volumes.

**Outro.** — (Do *Nacional*.) Por participacão do director interino do circulo das alfandegas do Algarve consta que, no dia 26 do mez passado, encalhara na praia do Montinhal, pertencente ao posto fiscal de Sagres, districto da alfandega de Lagos, o brigue sardo «Josefina», capitão Gabriel Cafier, procedente de Gibraltar, com carga de azeite para Glasgow, salvando-se toda a tripulação, e estando-se procedendo ás diligencias necessarias para salvamento do que se poder.

**Exposição de Londres.** — A abertura desta exposição para o anno de 1862 será inaugurada por quatro grande composições musicas; uma de Meyerbeer, representando a musica allemã; outra de Auber representando a musica franceza; outro de Verdi representando a musica italiana e finalmente uma de mr. Burnett, maestro inglez, representando a musica ingleza.

**Desordem e ferimento.** — Na noite de domingo 27, diz o *Transtagan*, correu em Estremoz a noticia de que fóra assassinado o inglez Jones, empregado nas minas do sr. Tocha por um hespanhol, que, com mais dois, estivera com elle em altercação sobre assumptos mineralogicos em que todos queriam saber mais do que o inglez. A auctoridade não dormiu, e sahindo uma escolta de lanceiros pela escuridão da noite, em procura dos aggressores, conseguiu capturar-los. O inglez tinha levado uma grande facada na região thoracica, porém vive e dizem que ha esperanças de o salvar, talvez porque o golpe, encontrando alguma costella, não penetrasse na cavidade, nem fosse offender os orgãos melindrosos, que ella encerra.

**Duplo crime.** — Em um dos dias passados, diz a *Revolução*, commetteram-se em Argel dois suicidios com as mais terriveis circumstancias.

Um homem, que se dizia publicamente, que o tinham conhecido milionario na America e em Paris, tinha ido á Criméa para recuperar uma fortuna comprometida por accidentes que são desconhecidos. Comprou alli uma grande quantidade de cobre, que, por falta de meios de transporte, se lhe converteu em prejuizo.

Porque motivo foi depois o sr. Jone estabelecer-se em Argel como commerciante de farinhas, quando uma de suas filhas se tinha casado na America, no tempo da sua prosperidade? Isto é o que se não pode saber.

Tendo chegado este homem a uma idade avançada, e vendo-se o objecto de presequições extrajudiciaes, que não podia evitar, tomou uma resolução suprema, a de acabar com a vida antes de se ver expulsado de casa com a sua esposa.

Na manhã do dia 14 alguns visinhos participaram ao commissario do districto que tinham visto, pelas fendas da porta de uma loja da rua Rovigo, dois cadaveres pendentes do tecto. O commissario, acompanhado de um medico e um soldado, dirigiu-se logo ao sitio designado.

Na tarde do dia anterior, em consequencia de um mutuo accordo, segundo explicaram em uma carta que deixaram sobre o mostrador da loja, os esposos levaram ao cabo a sua resolução fatal. Seguindo o exame feito pelo facultativo viu-se que a morte da mulher se tinha verificado cinco horas pelo menos antes da do marido, o qual depois de ter enforcado a sua companheira da felicidade e do infortunio, tentou suicidar-se com uma navalha de barba, e com a folha de uma espada, que se encontraram sobre uma cadeira ao pé da cama. A ferida que elle fez no braço e na região do coração não deitaram nem uma gota de sangue, não viva era a sua impressão, e por fim o desgraçado erforçou-se tambem por sua vez. Os dois cadaveres encontraram-se juntos um do outro.

Este crime voluntario produziu na cidade uma sensação muito triste e profunda.

**Frederico Flotow.** — Hoje que está muito em voga a musica de Flotow, cremos curiosos os seguintes apontamentos biographicos, que com respeito ao citado maestro, nos refere a *Epoeca*, jornal de Madrid:

Frederico Flotow, compositor allemão, nasceu em Tentendorf, no anno de 1811; seus paes destinavam-o em seus primeiros annos á carreira diplomatica, depois de seus primeiros estudos tomou lições de composição em Paris, do maestro Reichar. — Começou a escrever em 1830 e teve a felicidade de serem todas as suas obras desejadas pelos directores dos theatros. De 1832 a 1838 creou uma reputação, fazendo representar em theatros particulares *Pedro e Colombina*, *Rob-Roy*, e *a Duquesa de Guise*. — Em 1838 deu ao theatro de la Renaissance o *Naufragio da fragata Medusa*, que obteve cincoenta e quatro representações. Depois, com exitos diversos, já em Paris, já nas principaes cidades da Alemanha, fez representar: — *O guarda da floresta* (1840); *A escrava de Camões* (1843); *Alexandre Stradella* (1844); *Allin* (1856), e *Martha* (1858).

As operas de Flotow tornam-se distinctas

mais pela graça, frescura e vivacidade dos motivos do que pelo profundo e força da musica.

Este maestro reside actualmente em Schweirin, onde desempenha as funções de intendente dos theatros da corte.

**Noticias agricolas** — Uma correspondencia do *Diario do Povo* diz o seguinte:

Recebe agora mesmo de Torres-Vedras as seguintes noticias agricolas:

«Acabaram as vindimas, tivemos foguetorio, porque o resultado foi muito além, não só do que se podia esperar, mas ainda mesmo do que se podia imaginar. Tivemos uma colheita mais que regular; tivemos uma colheita mais do que abundante, tivemos uma colheita abundantissima, os lavradores que tinham vasilhas, encheram-nas todas.

Os que as não tinham, viram-se em calças pardas, para as arranjamem. O vinho é excellente; pois aqui houve o bom senso de não vindimar, senão depois da uva se achar em perfeito estado de maturação, sendo certo, que o reservarmos a vindima para mais tarde, nos deu optimo resultado, até mesmo na qualidade, effeito das primeiras chuvas. Os pregos, á bica abriram a 1\$200, e desceram até 800 rs. o almude. Comprou-se algum vinho branco para abafar, e pouco tinto.

«Para se fazer idéa da nossa colheita, dir-lhe-hei, que o meu caseiro que o anno passado teve vinte e tres pipas de mau vinho, recolheu este anno cento e vinte e tantas delle excellente. Lavrador que o anno passado teve uma ou duas pipas, teve este anno 18, 20, e mais.

A colheita do milho foi boa. De trigo e cevada menos do que mediana, como v. já deve saber, etc.»

**Festa de «Corpus Christi»** — Esta festividade verificou-se na cathedra de Pekin (capital da China) com grande pompa. A procissão percorreu publicamente as ruas da cidade. Quatro mandarins catholicos pegavam ás varas do palio. O corpo diplomatico ia representado pelos secretarios e addidos de embaixadas.

Esta cerimonia produziu viva impressão no povo.

A propósito d'esta noticia cabe aqui dizer que o bispo de Pekin, era nomeado pela corôa de Portugal, e que nos suburbios do Porto (S. Cosme) vive o ultimo que lá esteve.

## CORREIO

### LISBOA 6 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Procedeu-se no dia 4 á abertura das côrtes, que foram adiadas hontem até ao dia 2 de janeiro p. futuro.

A cerimonia da abertura foi feita por commissão pelo ministerio, em consequencia do estado de saude de el-rei. Foi o presidente do conselho que lêu o discurso da corôa.

A sessão esteve pouco concorrida. Quando mesmo não houvesse a presumpção de que as sessões seriam addiadas, o discurso da corôa denunciaria aquelle acontecimento. É reservado e diplomatico de mais nos termos em que está concebido, para que deixasse de conhecer-se o pensamento que presidiu á feitura daquelle documento official.

Estão, pois, addiadas as côrtes, e não obstante a alteração que se fez nas disposições da Carta, são ellas de facto observadas, porque a cerimonia da abertura em novembro já não é a primeira vez que não passa d'uma simples demonstração de respeito pelo novo preceito, voltando-se á observancia do preceito antigo.

O *Jornal do Commercio*, fallando ha dias da epoca, em que devem começar os trabalhos parlamentares, emite a opinião de que deve tornar a ser a primitiva disposição da lei fundamental do estado, bem como de que devem acabar as denominações d'anno economico, e anno legislativo, permanecendo e vigorando uma só denominação, que seja a do anno civil. Parece-me que o auctor do artigo tem razão. Tudo quanto seja simplificar e evitar confusões é melhor.

Desde hontem á noite que se fazem preces nas freguesias desta cidade pelo sr. infante D. Fernando, cuja enfermidade se aggravou desde domingo, sendo poucas ou nenhuma as esperanças de o salvar. El-rei, e o sr. D. Augusto estão melhores.

Os srs. infantes D. Luiz e D. João tinham chegado a Paris no dia 31 de outubro, e tencionavam ir a Compiègne fazer uma visita ao imperador dos francezes. Os augustos viajantes são esperados aqui com muita brevidade.

As noticias d'Angola não são tão satisfatorias, como ao principio se disse, logo que chegou o vapor *Africa*. É certo que não devem causar tantas apprehensões como em epochas ainda recentes; mas o commercio não encontra ainda naquellas paragens a segurança de que carece, e o gentio não cedeu ainda totalmente de fazer tropelias, que tanto incommodam os moradores do interior e embarçam as transacções dos negociantes.

Ha tambem noticias da India, de Moçambique, e de Macau. As da India são destituidas de interesse; quanto a Moçambique sabe-se que aquella provincia lucta com grandes difficuldades financeiras. A falta de numerario é ali muito sensível, tanto para os empregados do estado, como para o commercio. Está de tal maneira diminuido o movimento mercantil em Moçambique, que dois navios ali chegados de Lisboa foram compelidos a vender os seus carregamentos a prazos de 8 e 12 mezes, á falta de quem os quizesse comprar a prompto pagamento. O preço do marfim baixou consideravelmente.

Entretanto, a provincia gosava de socego. A fragata *D. Fernando* tinha ali chegado a 15 de agosto.

De todas as colonias portuguezas a mais

prospera continúa a ser Macau. A conta da receita e despeza do anno economico de 1860-1861 dá o seguinte resultado:

Existia em cofre no 1.º de julho de 1860 — rs. 173:798\$592. O producto dos impostos e mais rendimentos importou em 208:153\$444 rs. A despeza total no dito anno economico foi de 158:124\$805 rs. Ficou de saldo em caixa no 1.º de julho de 1861 a quantia de 223:827\$231 rs.

Oxalá que todas as nossas possessões d'alem mar se exhibissem tão prosperas como Macau. Se assim fosse, estava em grande parte resolvido o nosso problema administrativo e economico.

O sr. Ramires Coutinho, que casou com a sr.ª baroneza de Barcelinhos, está preparando a caza da sua habitação a fim de dar um baile em obsequio ao sr. Casal Ribeiro.

No domingo de manhã houve dois comícios populares, um no sallão nobre do theatro de D. Maria, e outro no palacio da rua dos Mouros, para se tratar da eleição da futura camara municipal.

O pensamento que domina no povo é pela reeleição da camara actual, querendo assim mostrar quanto sympathisa com uma vereação que provou não temer a reacção religiosa, offerecendo a sua capella para as exequias por alma do conde de Cavour. Os artigos escriptos pela *Nação* tem sido mal recebidos pela classe popular e por todos quantos são adversos á reacção, servindo de valioso incentivo para dar força á idéa da reeleição. Entretanto, aquelles que se propõem a entrar na nova vereação não desistem do seu proposito. Não imagina as tricas electoraes que se tem posto em pratica, e a actividade que se está desenvolvendo entre os electores por causa da eleição municipal.

Asseguro-lhe que por falta de candidatos não deixará de haver vereadores. Posso igualmente afirmar-lhe que a politica entra com um avultado contingente nesta eleição, para a qual é indigitada muita gente nova.

Houve discursos nos dois comícios, e senão faltaram declamações vagas e frases vagas de sentido, houve palavras de muito bom senso, e que exprimiam a sinceridade das convicções politicas e religiosas de quem as proferia.

O governo tem-se mostrado alho a estas contendas electoraes, e parece não querer intervir de modo algum na eleição, deixando plenissima liberdade aos electores.

O que mais desejo é que desta lucta saia uma boa vereação, activa, e intelligente, e que corresponda ás necessidades do municipio.

A policia não descança nas investigações a que procede sobre o acontecimento do Castello de S. Jorge. Foi ultimamente capturada uma mulher, por nome Anna de Jesus, que era amazia de Francisco Bacalhau, que fora soldado de caçadores, hoje cumprindo sentença, e um dos implicados na tentativa de fuga.

Parece ter sido aquella mulher quem forneceu os ferros aos presos para o arrombamento. Espera-se que faça importantes revelações, e que por meio dellas se chegue ao conhecimento do plano dos presidiados.

Entre os cúmplices do crime contam-se os tres assassinos do lavrador de S. Thiago de Caceem.

No domingo houve desastres no quadro da alfandega, que se attribuem á imprevidencia do piloto encarregado de dirigir até á barra o brigue *Soberano*, que sahia com destino para Pernambuco.

O navio, empellido pela corrente e mal dirigido, cahio sobre uma escuna ingleza, e arrastando-a consigo veio involucrar-se com outros navios, causando-lhes avarias, mas sendo o *Soberano* o principal prejudicado, a ponto de ter que descarregar, para reparal-as.

As commissões parochias, delegadas da commissão central para os festejos do 1.º de dezembro, continuam a constituir-se e a trabalhar com a maior actividade e dedicacão. O padrão que hade erigir-se naquella dia, em frente do palacio do conde d'Almada, foi ajustado por 500\$000 rs. O sr. Mendes Leal Junior tem quasi concluido o livro, que hade ser publicado tambem por occasiões de commemorar aquella data gloriosa.

Na *Politica Liberal* de hoje vem publicada uma carta do cappellão do batalhão de caçadores n.º 5, em resposta ás injurias que lhe foram dirigidas pela *Nação*. O modo inqualificavel por que a *Nação* se tem havido na questão das exequias pelo fallecido ministro de Victor Manoel, e os insultos que tem dirigido contra todos que directa ou indirectamente concorreram para que se verificasse aquelle acto religioso, é muito improprio d'um jornal decente. O procedimento da *Nação* nesta questão tem escandalisado toda a gente sensata.

A *Liberdade*, que sahio hontem em meia folha, annuncia que suspende a sua publicação até ao fim do corrente mez, e que deixará de continuar a publicar-se se neste intervallo não obtiver os meios de que precisa para tornar a apparecer.

A sorte dos jornaes politicos, que não recebem auxilio dos parridos, ou aos quaes falta mão poderosa que os auxilie, é muito precaria.

Entrou hontem a barra o vapor *D. Antonia*, da companhia *União Mercantil*. Traz 47 dias de viagem de Mossamedes, 42 de Benguella, 34 de Loanda, 33 do Ambriz, 28 de S. Thomé, 13 de S. Thiago, 11 de S. Vicente, e 4 1/2 da Madeira. Foi por este paquete que se receberam as noticias d'Angola a que acima me refiro.

As noticias de fóra são de pouco alcance. Em Madrid era esperada com impacencia a abertura das camaras.

Por hoje nada mais tenho para dizer-lhe.

## A' ultima hora.

S. A. o sr. infante D. Fernando falleceu hoje pela manhã. Foram, pois baldados todos os esforços da sciencia.

Os navios de guerra e o castello de S. Jorge já começaram a dar os tiros do costume de quarto em quarto d'hora. Diz-se que o enterro se verificará no proximo sabbado.

## EXTERIOR

Pariz, 28. — A «Patria» contem um artigo notavel de mr. de Laurieres, intitulado — A França em Roma —, cujo fim é que a Italia possa constituir-se nação, sem Roma, e sem atacar o santo padre.

Garibaldi continua a recusar propostas para se collocar á frente da revolução na Hungria.

Na Russia meridional fazem-se grandes preparativos militares: fortifica-se Sebastopol e augmenta-se a esquadra.

Dizem os jornaes que se concluíram em Londres as negociações relativas á questão do Mexico, e que na capital da Inglaterra assignarão as três potencias. Parece que estas annunciarão o tractado ao governo de Washington, convidando a unir-se a ellas para obter do Mexico a satisfação dos prejuizos causados a subditos dos Estados-Unidos.

Esperam-se em Brest, vindas de Cadiz, duas fragatas de guerra hespanholas, que partirão juntas com a divisão naval franceza em direcção a Veracruz.

Pariz, 29. — O arcebispo de Chambéry, ao receber o capello de cardeal, felicitou o imperador Napoleão pela conservação do *statu quo* em Roma.

O imperador quando lhe respondeu guardou o mais profundo silencio acerca do ponto em questão.

O «Constitutionnel» diz que vivem de illusões os que esperam a conservação do poder temporal do pontificado.

Da «Chronica dos dois mundos»:  
Berlim, 31. — Continua a agitação em S. Petersburgo.

Foram presos 200 estudantes por effeito dos successos da universidade.

Em Posen tambem houve demonstrações populares. Ignoram-se os pormenores destas occurrencias.

Da «Correspondencia»:  
Pariz, 29. — Dizem do Mexico que nos principios de setembro se levantaram 8:000 indios ao grito de *viva a religião! Morram os brancos!* e que devastaram e incendiaram quanto encontraram no transito.

Segundo o «Pays» a expedição franceza ao Mexico compor-se-ha de 1:700 homens. Cherbourg contribuirá com tres companhias de infantaria de marinha, Brest com outras tres, e as guardias da Martinica e Guadalupe com dez. Ainda nada está resolvido nem pelo que diz respeito á artilheria, nem ás embarcações.

É falso que se tenham entablado negociações com o gabinete de Vienna acerca de Veneza.

Os artigos da «Patrie», attribuidos ao sr. la Gueronniere, interpretam-se aqui no sentido de que o imperador Napoleão quer sustentar o poder temporal do papa.

Turin, 31. — Foi dirigida ao clero uma circular annunciando que o governo castigará severamente os ataques ás leis.

Diz a «Presse» que a Inglaterra ainda não adheriu ao convenio para a expedição ao Mexico.

Londres, 31. — Ha noticias de Nova-York do dia 22.  
Passaram o Polomac 1:200 federaes em direcção a Desbourg, mas foram repellidos pelos separatistas.

Em Missostrie foram derrotados 500 separatistas.

O «Fredesichtown York-Times», pede a intervenção do governo de Washington para o accordo nas questões do Mexico; e tambem pede que o governo federal se encarregue de administrar as rendas daquelle estado, para pagar os juros que se devem aos governos estrangeiros.

O mesmo periodico attribue a circular de Sewar, sobre a fortificação das costas, ao aspecto que tem tomado as potencias relativamente ao Mexico.

Pariz, 30. — A «Gazeta de Colonia» diz que o rei da Prussia e o imperador de Austria, terão uma entrevista na fronteira de seus estados.

A «Opinione» de Turin annuncia que a Belgica reconheceu o reino de Italia.

Desde 30. — O general Lambert foi chamado a S. Petersburgo para informar acerca da situação da Polonia.

Berlin, 30. — A casa de Rotschild entrou em negociações para alcançar do banco da Prussia um adiantamento de 15 milhões de talhers em prata para o banco da França; mas foi addiada a operação.

O novo conflicto da universidade de S. Petersburgo procedeu de que os estudantes novamente matriculados, quizeram tumultuosamente que se admittissem os não inscriptos.

Dizem de Posen, que a demonstraço projectada em favor da Polonia, foi prohibida pela auctoridade.

Alguns grupos de povo que resistiram á policia, foram dispersados empregando as espadas; mas não houve ferimentos.

Hontem foi o baile do duque de Magenta, embaixador de França. Assistiram o rei e a rainha da Prussia, e manifestaram-lhe a sua benevolencia e agradecimento.

O baile foi verdadeiramente sumptuoso

Vienna, 30. — Consta que Omer pachá foi derrotado nos desfiladeiros de Piva, tendo grandes perdas.

Pariz, 30. — Dizem os jornaes que as bases do convenio para a expedição do Mexico, são:

1.ª Obrigar o governo mexicano a fazer justiça aos subditos das potencias europeas;

2.ª Constituir um poder forte, capaz de manter a segurança e tranquillidade publicas.

Os jornaes estrangeiros publicam os mais tragicos detalhes sobre os ultimos acontecimentos de Varsovia.

Eis, em resumo, o resultado do triste dia 16:

Cinco mil pessoas foram conduzidas para a cidadella.

Os velhos foram postos em liberdade, na maior parte, outros ficaram guardados estreitamente, e os estudantes foram encerrados nas fortalezas.

Não se sabe com certeza o numero dos mortos e feridos; porem, segundo os calculos mais aproximados, houve 300 a 400 feridos, e uns 20 mortos.

Sobretudo o que merece notar-se é que os proprios funcionarios parecem hesitar no cumprimento das ordens que lhes dão, e isto faz a situação extremamente grave.

## MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 5 de novembro

### SAHIDAS

PORTO. Hiate port, Deus sobre tudo, cap. J. S. Ré, 5 pessoas de tripol., sal.

IDEM. Rasca port, Carolina, mestre A. S. Amaro, 12 pessoas de tripol., sal.

IDEM. Rasca port, Flor de Aveiro, mestre A. E. Diniz, 9 pessoas de tr., sal.

IDEM. Cabique port, Perola do Vouga, mestre M. Vicente, 5 pessoas de tr., sal.

### Entradas em 5

PORTO. Hiate port, Herminio cap. J. da C. Biaia, 9 pessoas de tr., lastro.

IDEM. Hiate port, Cruz 3.ª cap, F. Pelicas, 7 pessoas de tr., ferro para a empreza Salamanca.

### Em 6

LAGOS. Cabique port, Senhora da Gloria, mestre J. Fernandes, 10 pessoas de tr., peixe salgado.

## ANNUNCIOS

No dia 17 do corrente ás dez horas da manhã, nas salas do tribunal se hão-de arrematar — uma morada de casas terreas na rua do Outão, em Esgueira, que partem do norte com Manoel José Matheus, e do poente com Ludovina Maria de Jesus, avaliadas em 20:000 reis; outra casa na mesma rua, que parte do norte com Manoel Duarte, e poente com herdeiros de Antonio da Cunha, avaliada em 14:400 reis, por execução de João dos Santos Quaresma e Ludovina Maria, contra o referido Manoel José Matheus, d'Esgueira — escrivão, Leite Ribeiro.

Pelo cartorio do escrivão — Gusmão — a requerimento do reverendo padre Antonio Francisco Estima, prior da freguezia de Eirol — correm edictos de 30 dias a contar do dia 19 de outubro findo — a citar o reu Antonio Dias Coelho, da extincta villa de Eixo, para na segunda audiencia deste juizo de direito, depois de findo aquelle termo, vir fallar ao libello de divida, que lhe move o mesmo prior, e deduzir o seu direito, — sob pena de revelia.

## PARA O RIO DE JANEIRO



Vae sahir com muita brevidade

A VELEIRA BARCA

DE 1.ª CLASSE

## NOVO TENTADOR.

Recebe carga e passageiros a pagar neste ou naquella porto. Tem bellos e superiores commodos e tractamento.

Tracta-se com EDUARDO DA COSTA CORREIA LEITE, á rua de S. João Novo n.º 11, no Porto.

Consignatario em Aveiro, Bento de Magalhães.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.